

Curso: FLA303 - Leituras de Monografias Antropológicas

Professora responsável: Carolina de Camargo Abreu

Estudante: Francisco Schellert

N° USP: 8732432

E-mail: francisco.schellert@gmail.com

Ensaio

A máscara de narciso

05.07.2014

Quando olho as fotografias das manifestações recentes no Brasil, não é somente a violência das imagens que me fascina, é sobretudo a violência efetuada pela pessoa mascarada e dirigida à autoridade a qual eu também estou subjugado. No mais tardar, depois das imagens chegarem ao cinema recentemente¹, tenho certeza de que não sou a única pessoa que essas cenas de violência documentada seduzem.

As figuras principais e o foco desse *voyeurismo* da violência - oculto pelo pretendido documentalismo e justificado pela relevância social das fotografias - são: o jovem mascarado e o polícia em armadura. Na figura do/da blackblogista com a face coberta, especialmente, convergem os diversos discursos políticos que giram em torno dos protestos que desde junho de 2013 tentam se impor no debate ideológico brasileiro, mas também a imagem do polícia armada tem um papel importante neste jogo. Ambas as figuras tornam-se instrumentos políticos versáteis que surgem na zona de colisão entre a polícia e o Black Bloc, escurecida pelo gás lacrimogênio, as granadas de fumo e os coquetéis molotov. O obscurantismo epistemológico², que surge nesta zona neblinosa, entorpece a visão tanto como o gás e confunde a razão desorientando aqueles que procuram uma explicação, mas proporcionando imagens ideais para aqueles que sabem o que querem ver.

Surgido na Alemanha nos princípios dos anos 1980 com o movimento contra o depósito de resíduos nucleares e como tática de proteção contra a violência policial, o fenômeno do Black Bloc foi se estendendo internacionalmente, sobre tudo nos Estados Unidos, mas com especial e recente importância na primavera árabe desde 2010 e nos protestos em Turquia em 2013. Formado tradicionalmente por grupos autônomos de extrema esquerda, a tática (assim como vestimenta) foi adotada também por grupos de extrema direita. De certa forma sempre atacado pela imprensa, o movimento do Black Bloc tem-me surpreendido aqui no Brasil como uma figura bem mais presente e importante na mídia popular do que na Alemanha.

São essas as mídias que parecem procurar uma imagem específica. “A televisão convida à dramatização” (Bourdieu, 1997: 25), ao tempo que mantêm o ordem simbólico vigente, como bem explica Pierre Bourdieu num de seus discursos sobre a mídia televisiva. Será que a imagem que o jornalista procura é muito diferente daquela que aqueles que participam de manifestações com a câmara nas mãos - como eu também - buscam? É a violência como algo fora do cotidiano o que nos atrai. Porém a violência, embora elemento central da fotografia,

1 Com o filme “Junho: o mês que abalou Brasil” produzido pelo jornal *Folha de São Paulo* e lançado em junho de 2014.

2 Tomo emprestado o conceito do obscurantismo epistemológico, introduzido por Michael Taussig no seu estudo sobre a imagem do índio ou do “outro” em base a imagens, medos e sonhos na região do Putumayo durante a febre da borracha. cf. Taussig (1993)

pode ter mensagens muito distintas. Certamente o manifestante armado de câmara tem uma imagem na cabeça parece desejar recriar uma imagem muito parecida com aquela que as principais mídias gostam.

Claro que a imagem fotográfica contém uma intencionalidade, já que é “representação a partir do real, intermediada pelo fotógrafo” (Kossoy, 2002: 52), e corrobora um discurso. Pode-se apreciar nos pequenos detalhes a exaltação do manifestante mascarado como revolucionário e guerreiro, a ênfase na violência policial e, por outro lado, a força policial como protetora diante a violência sem sentido. Porém, a violência é retratada de ambos lados, a técnica e o estilo de retratação são quase idênticos. A mensagem da fotografia é uma mensagem sem código, como escreve Barthes (2009), enquanto o jornalismo precisa do código da escrita - e da fala, no caso da televisão - para formar sua mensagem. Desde, pelo menos, o linchamento do jovem Black Bloc durante a celebração do aniversário de São Paulo em janeiro deste ano, nos termos do artigo de Reinaldo Azevedo³, podemos considerar que a mensagem é recebida tal como previu Bourdieu (1997: 28): “Esse poder de evocação [da televisão] tem um poder de mobilização”.

A fotografia, mais que o vídeo, procura o extraordinário no cotidiano (Sontag, 2005) e o jornalista, em seu afã de subministrar constantemente o extraordinário (Bourdieu, 1997), vale-se dela para dar espetacularidade, mas também veracidade ao artigo. A imagem fotográfica se torce para apoiar o escrito, seja para exaltar a figura do mascarado ou para denunciá-la. Mas tanto a desobediência civil e o terrorismo, como o ato heróico, apresenta o extraordinário que o jornalismo busca e precisa. Talvez a questão não resida em se decidir sobre um discurso ou outro, senão em fazer da desobediência civil algo tão extraordinário, que aliena dela o próprio “cidadã comum”. Atribuindo o monopólio da violência política a um grupo específico, neste caso os Black Blocs, o discurso desabilita-a como opção cotidiana, tal como para os que não formam parte desse grupo.

“Black Blocs prometem caos na copa com ajuda do PCC” reza o título de um artigo recente do jornal *O Estado de São Paulo*, que contém entrevistas com membros do Black Bloc.⁴ A veracidade do artigo foi logo questionada noutro artigo no jornal *Brasil de Fato*.⁵ Ambos demonstram que a figura do Black Bloc não tem voz. Apresentado como um grupo não organizado, composto pelo anonimato de seus participantes, essas características base do movimento são tidas como seus maiores defeitos ao se posicionar politicamente. Seja ou não

3 cf. Artigo: Azevedo (27.01.2014).

4 cf. Artigo: Sant’Anna (2014)

5 cf. Artigo: Neto (02.06.2014)

verdade - e embora ninguém com quem eu tinha falado acredite nela - , a simples menção do movimento e da organização criminosa numa notícia jornalística ressoa e tem grande efeito no consciente social. Parece que algumas notícias são produzidas mais em função desse efeito do verdadeiro do que por um afã de serem aceitas como fato.

Todos os artigos sinalizam uma zona de incerteza, onde a figura do manifestante mascarado que enfrenta a polícia pode encarnar qualquer discurso. Uma força bruta que pode ser utilizada politicamente - mais ainda por seu anonimato. Essa zona onde atua, pode ser chamada de "espaço da morte"⁶ onde cobram vida os temores dos brasileiros sobre a violência de que tanto se fala: "as massas que descem do morro"⁷, "o caos que se cerne sobre a cidade", etc. Desde junho de 2013, o jovem vestido de preto e mascarado condensa em si esses medos, mas também a raiva, o que indicam as constantes acusações aos participantes do Black Bloc de pertencer à classe média: crianças mal criadas que se divertem destruindo o patrimônio dos que realmente trabalham - paradoxo e instrumento retórico por excelência dos críticos ao movimento. Com razão o jornal *Globo* insistiu na notícia de um pai procurando e tirando seu filho de uma manifestação.⁸

Tão versátil como a figura do manifestante é o mensagem que pretende encarnar. A manifestação por "Mais saúde e educação" ou "Contra a corrupção" sem dados e demandas concretas, torna-se vazia e abre suas portas para a diversos movimentos políticos, tal como perceberam muitos dos manifestantes desde junho.

As diferentes interpretações dos acontecimentos desde junho de 2013 demonstram que os discursos, tanto do Black Bloc, como das mídias são discursos unidirecionais. Não existe discussão e nunca o argumento contrário tem lugar. Fiquei especialmente comovido ao assistir a uma notícia da rede Globo sobre um protesto do Movimento Passe Livre em São Paulo onde uma jornalista comentava ao vivo a ação do Black Bloc. Não foi a violência das imagens que me chocou, embora me fizera olhar para a tela e fixara minha visão. Também as palavras da apresentadora, que não fazia mais que lamentar os carros que o mascarado destruía com um extintor, não me surpreenderam. Eis que, enquanto o mascarado destruía símbolos do capitalismo, a apresentadora falava de depredação e vandalismo. Essas imagens e montagens evocavam a aparente futilidade da ação violenta.

6 cf. Taussig (1993: 26): "O espaço da morte é importante na criação do significado e da consciência sobretudo em sociedades onde a tortura é endêmica e onde a cultura do terror floresce. [...] as culturas do terror são nutridas pelo entremesclar do silêncio e do mito [...]"

7 O medo do morro tem a ver, com certeza, com a dramatização do cotidiano, sobre tudo nos subúrbios: cf. Bourdieu (1997: 25): "Enquanto aos subúrbios, o que interessa são as rebeliões".

8 cf. Artigo: *O Globo* (13.06.2014)

Seja como for, a insistência da mídia neste tema, é produto de ambos lados. Sem dúvida a mídia popular lucra com as imagens violentas e espetaculares, que produz maiores índices de audiência. Pelo outro lado, a luta contra a autoridade traz consigo um romantismo revolucionário indiscutível. Esse romantismo inclui a máscara não somente como mito, mas como um fetiche. A face coberta serve ao mesmo tempo ao anonimato e à promoção de um fetiche, que não funcionaria sem a fixação em imagens e distribuição aberta destas. O espaço da morte mantém sua densidade graças ao misticismo do anonimato e das máscaras. A luta do Black Bloc contra um sistema vigente torna-se algo místico, onde parece que as partes atuam dentro de um mesmo universo. Uma luta contra os bens materiais - com foco em objetos de luxo, os supérfluos, patrimônio público - pode indicar, igualmente, um fetichismo pela mercadoria como sua veneração. É o fetiche da máscara que dá cara à violência, e é por isso que o manifestante torna-se humano e criança quando sua máscara é removida pelo pai. É tal humanização/infantilização do manifestante mascarado que configura um sonho do qual acordamos no momento em que a máscara é arrancada. É esse “despertar” provocado que mais prejudica a imagem pública do Black Bloc.

A televisão não somente registra, mas produz, argumenta Bourdieu (1997). Embora a televisão brasileira procure mobilizar contra os Black Bloc, as imagens que apresenta podem ter o efeito contrário. A televisão mudou, segundo Bourdieu, não somente a forma de como mensagens são transmitidos à população, mas também o ato dela se manifestar. As manifestações, hoje em dia, são feitas para a televisão. “A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política” (Bourdieu, 1997:29). Nesse sentido, o Black Bloc torna-se o manifestante ideal do século XXI. Sem a violência não há interesse da mídia, sem a aparição na televisão, a manifestação perde sua relevância social e política. O ativista participante de um Black Bloc se disfarça para permanecer anônimo, mas para ao mesmo tempo para refletir sua imagem no “espelho de narciso” que é a nossa mídia.

Referências bibliográficas

- Barthes, Roland (2009): “A Mensagem Fotográfica” em: *O Óbvio e o Obtuso*. Em línea baixo: <http://veele.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-a-mensagem-fotografica.pdf> [26.06.2014]
- Bourdieu, Pierre (1997): “Sobre a televisão” em: *Sobre a televisão seguido de A influencia da televisão e Os jogos olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Kossoy, Boris (2002): *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Sontag, Susan (2005): “The Image-World” em: *On photography*. New York: RosettaBooks, LLC.

Taussig, Michael (1993): *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Artigos

Azevedo, Reinaldo (2014): *Um vídeo quase clandestino: um black bloc é linchado pelo “povo”; promotor de eventos diz em cima do palco: “Vamos dar porrada neles”* em: “Veja” [journal] (27.01.2014). Em línea baixo:
<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/um-video-quase-clandestino-um-black-bloc-e-linchado-pelo-povo-promotor-de-eventos-diz-sobre-o-palco-vamos-dar-porrada-neles/> [06.07.2014]

Neto, José Francisco (2014): *Black bloc desmente entrevista em que relaciona tática do grupo ao PCC*. Em: “Brasil de Fato” [journal] (02.06.2014). Em línea baixo:
<http://www.brasildefato.com.br/node/28734> [06.07.2014]

O Globo (2014): *Pai vai buscar filho em protesto de black blocs em São Paulo*. Em: “O globo” [journal] (13.06.2014). Em línea baixo:
<http://oglobo.globo.com/brasil/pai-vai-buscar-filho-em-protesto-de-black-blocs-em-sao-paulo-12841002> [06.07.2014]

Sant'Anna, Lourivant (2014): *Black Blocs prometem Caos na copa com ajuda do PCC* em: Estadão [journal] (2014). Em línea baixo: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,black-blocs-prometem-caos-na-copa-com-ajuda-do-pcc,1503308> [06.07.2014]